0,80 € Fundado em 1870 por M. A. Tavares de Resende
Director Paulo Hugo Viveiros | Director Executivo Osvaldo Cabral
Sábado, 18 de Junho de 2022 | Ano 153 | N.º 42.806

Diário dos Açores

O quotidiano mais antigo dos Açores



José Gabriel Ávila

NOTÍCIAS DO PICO

OPINIÃO//PÁG.8



Tomás Mota Vieira

URGE APOIAR A IMPRENSA AÇORIANA

OPINIÃO//PÁG. 13



Entrevista com Pedro Soares, Ordem dos Enfermeiros dos Açores

"Continuamos a receber pedidos de enfermeiros para emigrar"

"PROBLEMAS COM ESCOLA DE SAÚDE PODEM PÔR EM CAUSA FORMAÇÃO DE MAIS ENFERMEIROS"

"O QUE VIMOS NAS FLORES É PREOCUPANTE"

ENTREVISTA//PAGS. 2 E 3

3 mortes por Covid na última semana e 60 internados

REGIONAL//PÁG.3

Famílias com crianças em amas vão ficar isentas de mensalidade

REGIONAL//PÁG.20

12 MIL SOPAS VÃO SER DISTRIBUIDAS NO ESPÍRITO SANTO DE PONTA DELGADA

REGIONAL//PÁG.4

Escrevem nesta edição



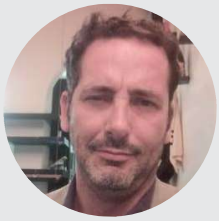
Onésimo Almeida



Arnaldo Ourique



Hernâni Bettencourt



António Cortez

PUB



PUB



PRISÃO DOMICILIÁRIA POR SUSPEITA DE TRAFICAR DROGA NO PORTO DOS CARNEIROS, NA LAGOA

REGIONAL//PÁG. 3

PUB



Pedro Soares, Ordem dos Enfermeiros dos Açores

"O que vimos na ilha das Flores é muito preocupante"

Acaba de visitar a Unidade de Saúde das Flores. Como é que encontrou esta unidade ao nível da enfermagem?

Efectivamente, cumprimos mais um desígnio deste mandato no que concerne a monitorizar todas as instituições do SRS (Serviço Regional de Saúde) no que aos cuidados de Enfermagem diz respeito, e confesso que esta visita de acompanhamento do exercício profissional dos Enfermeiros na Unidade de Saúde das Flores deixou-me deveras preocupado.

Sabíamos da necessidade emergente em contratar enfermeiros, em garantir os mínimos, mas ver na primeira pessoa o quão difícil é exercer numa ilha periférica como as Flores, com as dificuldades inerentes, fez-nos iniciar uma reflexão profunda sobre novas estratégias de actuação que permitam ajudar a corrigir e a criar condições para cuidados de excelência, acreditando desde logo que será uma tarefa hercúlea.

Encontrámos uma equipa completamente desmotivada.

Repare-se que deveriam ser 23 enfermeiros para que o trabalho base fosse feito, e são apenas 15!

E existe ainda a possibilidade iminente de alguns abandonarem a ilha por falta de motivação a todos os níveis, havendo inclusive quem demonstre algum burnout.

Estamos a falar de 15 enfermeiros que têm de assegurar todos os cuidados básicos a uma população com mais de 3000 pessoas, desde internamento, serviço de urgências, domicílios, cuidados primários, apoio ao Lar da Santa Casa da Misericórdia, que não tem enfermeiro, atendimento nas áreas de actuação Covid, entre outros.

Com isto, não há possibilidade de actuarem, por exemplo, em programas de prevenção da doença junto dos florentinos, ou seja, estamos a fazer o mais básico que existe e mesmo aí, de uma forma muito deficitária por falta de pessoal. É de facto um cenário preocupante.

Veja este exemplo: eu tenho os Enfermeiros que fazem o turno nocturno e que supostamente saem às 8h da manhã, a ficarem até às 9h30 no serviço para realizarem os testes Covid-19 à população, de modo a que os mesmos possam ser transportados no mesmo dia para um laboratório por via aérea. Isto é de um desgaste tremendo, que ao fim de algum tempo se torna incomportável.

Para além disso, apesar da estrutura física da USI ter sido alvo de melhoramentos e apresentar neste momento boas condições, é preciso de forma urgente investir no parque automóvel. Saliento que há apenas um carro, e com idade avançada, para os domicílios na ilha toda, o que por



exemplo obriga a que tenhamos de ter dois enfermeiros a partilhar a viatura durante o dia.

Podemos pensar que a ilha é pequena, mas a deslocação dentro da ilha é demorada atendendo ao tipo de acessibilidades, e com esta partilha perdemos tempo, perdemos recursos.

Numa profissão como a nossa, a reciclagem de conhecimentos é fundamental.

Nas Flores é praticamente impossível, o que por exemplo leva a que, neste momento, não tenha nenhum enfermeiro especialista, estando apenas um em fase de formação.

Estas são as problemáticas urgentes na resolução, outras existem, mas sem olharmos a estes pontos imediatamente, estaremos sempre a colocar apenas remendos.

Quais as medidas mais urgentes que se devia implementar já?

Estamos neste momento a elaborar um relatório tendo em conta uma reflexão profunda sobre o que encontrámos e há que agir em duas fases: no imediato, garantir os mínimos dos mínimos e, numa segunda fase, construir um processo que leve a cuidados de excelência àquela população, e será por estas duas vertentes que enquanto Ordem nos iremos debater.

De uma forma mais concreta, e numa primeira análise, não tenho dúvidas que, como temos vindo a alertar nos últimos dois anos, ou iniciamos no imediato o programa de apoio à fixação e criação de incentivos aos Enfermeiros ou a muito breve trecho teremos grandes problemas.

É fundamental promovermos imediatamente as ilhas mais pequenas junto dos colegas que irão terminar o curso agora em Julho, para que consigamos reforçar as equipas, pelo menos nos mínimos exigidos.

Eu receio que, caso as Flores percam dois enfermeiros do seu quadro, esteja colocado em causa por completo o atendimento mínimo exigido para os florentinos.

Daí o nosso trabalho junto dos colegas das Flores, em termos de motivação e criação das melhores condições no imediato, estando já em curso algumas conversas com o senhor Secretário Regional da Saúde nesse sentido.

Há, ainda, um problema local no que concerne ao alojamento de novos profissionais, outra questão que tem de ser debatida e resolvida ao mesmo tempo, porque a dificuldade em arranjar alojamento é tremenda.

Sabemos do enorme foco em torno do turismo, que leva a que o muito pouco que resta seja alugado a preços exorbitantes, incomportáveis para quem inicia a sua carreira.

Fomos informados de que, neste momento, não há casas para alugar nas Flores.

Para além disso, a renovação da frota de veículos não pode aguardar muito mais, sendo que os serviços domiciliários deveriam ter dois carros, já que isso permitia que cada enfermeiro pudesse realizar o seu trabalho no timing que lhe é exigido, com um padrão de qualidade mínimo para cuidados de excelência, sem a preocupação como a que existe actualmente, onde o enfermeiro tem de fazer o trabalho a correr, porque tem de entregar a viatura ao outro colega, para que esse possa prosseguir noutra parte da ilha.

Isto não faz sentido e traduz-se numa injustificada perda de eficiência.

Depois desta intervenção no imediato, entraremos numa segunda fase: melhorar procedimentos, implementar programas de intervenção primária na saúde dos florentinos, e desenvolver os cuidados na USIF para além dos mínimos.

Nas outras ilhas, a situação é semelhante?

Efectivamente, não é tão grave como nas Flores, mas padece-se igualmente da falta de Enfermeiros.

O parque automóvel está obsoleto, a dificuldade auto formativa é tremenda, e em muitos casos o défice de liderança em gestão é claro.

Andamos já há dois anos e meio a alertar para este fenómeno, cujo impacto está a surgir como uma onda que começou nas ilhas mais pequenas e irá chegar a todo o arquipélago, sendo que as primeiras instituições a sofrer o efeito foram as estruturas residenciais para idosos, atingindo todo o resto de seguida, como é já factual.

Alertámos que investir em programas de empregabilidade era um erro, muitos privados não quiseram ouvir.

Alertámos que os colegas dos lares, das misericórdias tinham de ter um salário digno, igual a todos os restantes colegas, muitas dessas instituições não nos quiseram ouvir, hoje não têm enfermeiros.

Agora espero que entendam de uma vez por todas que não fixar enfermeiros nas nossas ilhas, será promover esta onda de desertificação de cuidados de excelência.

Ainda vamos a tempo, mas a ação tem de ser imediata.

Tem manifestado publicamente, algumas preocupações com a Escola Superior de Saúde dos Açores. Qual o ponto da situação?

Eu vejo a Escola Superior de Saúde dos Açores como um ponto fundamental na formação dos nossos enfermeiros, sendo a nossa única fonte de enfermeiros para a Região.

Numa altura em que todos os países aprenderam uma lição com a pandemia e muitos já renovam as suas políticas de saúde, apostando claramente no reforço dos seus recursos passando muito pelos enfermeiros, não podemos estar à espera que venham enfermeiros de fora trabalhar para a região.

Temos de formar os nossos, ser auto-sustentáveis neste aspecto, o que reforça inevitavelmente a importância da Escola.

Agora, temos de ser honestos e ter bem clara qual a posição da Universidade dos Açores em relação ao futuro da Escola Superior de Saúde e, para isto, estamos a aguardar a tomada de posse da nova reitora, para que possamos conversar todos.

Estruturalmente, notamos nos últimos anos algum desinvestimento neste departamento.

Temos uma escola na Terceira com um quadro de professores muito pequeno, que tentam, com o que têm, manter pelo menos o curso base com qualidade.

(continua na página seguinte)

“Continuamos a receber pedidos de enfermeiros para emigrar”

Em Ponta Delgada encontramos uma escola com salas sobrelotadas para a realidade atual e em ambas notamos no quadro de professores um número considerável que a breve trecho entrarão na aposentação.

Depois, quando há dois anos tivemos a informação de que haveria a intenção de diminuir o número de vagas, quando este até é um curso com procura e com muita saída profissional, fundamental nos tempos de hoje, obviamente a nossa preocupação aumentou exponencialmente. Felizmente isso não se concretizou na prática e espero que não aconteça de futuro.

Estes problemas com a Escola de Saúde podem pôr em causa a formação de enfermeiros?

Colocam, sem dúvida.

As condições que são oferecidas aos novos enfermeiros são fundamentais para que queiram frequentar a escola,



para que formemos enfermeiros com a qualidade que nos é reconhecida, e obviamente com o término da carreira de alguns professores e a sua não substituição, poderá criar-se um problema.

Tenho a informação de que a Direcção da escola está a acompanhar esta problemática, resta-nos perceber a posição da Universidade.

Para além disso, os Açores precisam de enfermeiros especialistas, devendo ser outra área de oferta por parte da Escola o quanto antes, a formação pós base.

Isto porque actualmente um enfermeiro que queira avançar formativamente tem de se deslocar para o continente, com custos exorbitantes e muitas vezes com muito pouco ou nenhum apoio das suas instituições.

Note-se que estes colegas depois irão colocar ao dispor da região o seu saber adquirido.

Ao nível de carreiras, como estamos? Ainda há enfermeiros a quererem trabalhar noutros países?

Em termos dos reposicionamentos e acertos infelizmente algumas instituições não estão a cumprir os prazos que foram acordados, o que provoca uma situação de confusão perfeitamente escusada entre a classe.

Para além disso, os pontos ainda em discussão, continuam em análise e temos a esperança que brevemente possamos chegar a um entendimento, em especial por representarem situações que não sendo resolvidas, irão potenciar injustiças entre enfermeiros.

A verdade é que infelizmente continuamos a receber pedidos sobre a documentação necessária para a emigração.

As condições que estão a ser oferecidas são muito diferentes da nossa realidade e, claro, um convite aliciante.

Mesmo assim ainda não são em número elevado, no entanto, a perda de um enfermeiro para a Região, tem um custo na prática muito elevado, vejamos o caso concreto das Flores e multipliquemos o cenário por nove.

jornal@diariodosacores.pt

3 mortes por Covid na última semana, mais 3 mil casos positivos e 60 internados

Os Açores registaram na última semana 3.051 novos casos de Covid-19 e três óbitos, tendo agora 3.413 casos activos, menos 822 do que na semana passada, revelou a Autoridade Regional de Saúde.

O boletim semanal sobre a situação epidemiológica na Região divulgado no ‘site’ do Governo açoriano indica que foram identificados 3.051 novos casos de Covid-19 em 5.060 testes realizados na última semana.

No mesmo período, foram também notificadas 3.874 recuperações e três óbitos.

Dos novos casos, 69 foram registados em Santa Maria, 1.134 em São Miguel, 743 na Terceira, 20 na Graciosa, 190 em São Jorge, 527 no Pico, 313 no Faial, 48 nas Flores e sete no Corvo.

Actualmente, os Açores contam com 3.413 casos activos de Covid-19: 29 em Santa Maria, 1.670 em São Miguel, 873 na Terceira, 18 na Graciosa, 193 em São Jorge, 330 no Pico, 260 no Faial, 31 nas Flores e nove no Corvo.

Na Região, 60 pessoas estão internadas com covid-19, sendo que 36 estão no hospital de Ponta Delgada, 23 dos quais devido à Covid-19 e 13 “por outros motivos”, mas com teste positivo.

No Hospital da Horta, encontram-se 10 internados (seis devido à Covid-19 e quatro que foram internados por outro motivos, mas que testaram positivo ao novo coronavírus), enquanto no hospital da ilha Terceira estão internadas 14 pessoas (11 por “motivo de Covid-19”).



A Região tem ainda uma pessoa internada em unidade de cuidados intensivos no Hospital de Ponta Delgada.

No arquipélago, foram administradas 556.736 doses da vacina contra a Covid-19, estando 92,1% da população com a vacinação completa (217.652) e 53,1% com a dose de reforço (125.586).

Desde o início da pandemia de covid-19, os Açores registaram um total de 117 óbitos, 109.533 infecções pelo SARS-CoV-2, que provoca a Covid-19, e 105.686 recuperações.

Portugal lidera

Portugal continua a ser o país da União Europeia com mais novos casos de infeção por SARS-CoV-2 por milhão de habitantes nos últimos sete dias e o segundo no mundo neste indicador, segundo o ‘site’ estatístico Our World in Data.

Desde o início deste mês de Junho que Portugal mantém estas duas posições, que o colocam no topo dos países do bloco e do mundo com maior média diária de novas infecções por Covid-19. Segundo os mesmos dados, a média diária de novos casos em Portugal é actualmente de 1.989 infecções por milhão de habitantes, estando apenas atrás de Taiwan, com uma média de 2,871 novos casos.

Relativamente aos óbitos, Portugal está em quarto lugar na tabela mundial, com uma média diária de novas mortes por Covid-19, de 4,05.

Prisão domiciliária por suspeita de tráfico de droga no porto dos Carneiros

Um homem de 46 anos ficou em prisão domiciliária por suspeita de tráfico de droga no Porto dos Carneiros, em São Miguel, onde foi “desmantelada” uma alegada rede que operava no concelho de Lagoa, anunciou a PSP.

Num comunicado enviado às redações, o Comando Regional da PSP revela que a detenção do suspeito ocorreu “em flagrante delito”, na freguesia do Rosário – Porto dos Carneiros, na sequência de uma operação policial desenvolvida no concelho da Lagoa.

Essa operação, segundo a polícia, permitiu apreender “aproximadamente 70 doses de heroína, dinheiro e utensílios relacionados com a actividade ilícita”, o que indicia o suspeito “na prática” de alegado tráfico de droga.

A PSP adianta que tem vindo a realizar, nos últimos meses, sob a direção do Ministério Público de Ponta Delgada, várias diligências para apurar os contornos de “um quadro típico de tráfico de estupefacientes existente na zona do Porto dos Carneiros, as quais já permitiram apreender cerca de 1.000 doses individuais de diversas tipologias de produto estupefaciente”.

Essas diligências policiais permitiram ainda deter, “em flagrante delito, seis suspeitos” de alegado tráfico de droga, dois dos quais aguardam julgamento “em prisão preventiva”, segundo a PSP.

O Comando Regional da PSP refere ainda que a operação policial desenvolvida no Porto dos Carneiros foi “o culminar do desmantelamento de uma rede de tráfico de estupefacientes que operava no concelho de Lagoa”.